

Despir a verdade para vestir-se bem: marcas de parresia no discurso do Esquadrão da Moda

Antonio Genário Pinheiro dos Santos
Marcelino Gomes dos Santos

Resumo: Este trabalho mobiliza uma discussão sobre o processo de subjetividade e de produção da verdade no discurso da moda, sinalizando para a efetividade do sentido cujos efeitos denunciam técnicas de governo e operações do dizer em torno dos modos de ser do sujeito cotidiano. O objetivo é discutir, na discursividade atrelada ao programa de TV *Esquadrão da Moda*, as marcas de parresia e o trabalho em torno da verdade na promoção do vestir-se bem. Metodologicamente, procede-se com a leitura discursiva priorizando o batimento entre descrição e interpretação. As conclusões apontam para o jogo estratégico da moda, que explora a produção da verdade a partir de seus efeitos de legitimidade e de sua vinculação institucional. Palavras-chave: Verdade. Moda. Subjetividade. Parresia.

Undressing the truth to dress well: marks of parresia in the discourse by Esquadrão da Moda

Abstract: This paper brings a discussion about the subjectivity process and truth production in the fashion discourse, pointing to the meaning function and its effects which exposes the government techniques and sayings ope-

Antonio Genário Pinheiro dos Santos. Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – DLC/CERES/UFRN.

Marcelino Gomes dos Santos. Graduando em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES/DLC.

rations related to the manner of being of the nowadays subjects. The main goal is to discuss, considering the discursivity brought in focus by the TV program *Esquadrão da Moda*, the marks of parresia and the work around the truth in promoting the dressing well. Methodologically, it develops a discursive reading that prioritizes a description-interpretation approach. The conclusion points to the strategic work through the production of truth by the fashion discourse that remains associated to the effects of legitimacy and institutional link.

Keywords: Truth. Fashion. Subjectivity. Parresia.

No limiar, algumas direções

A efetividade do sentido tangencia, no plano da discursividade, práticas e estratégias do dizer que não apenas produzem e oferecem o real, mas determinam, disciplinam e normalizam condutas no cerne do que se apresenta como verdade, como certo e como errado. Assim, olhar para a constitutividade e portabilidade da vida social exige considerar as operações de saber-poder a partir das quais são os sujeitos cotidianos envoltos em um trabalho de afirmação de si.

No campo da moda, e observando a profusão dos efeitos de cobertura midiática dos acontecimentos nos dias de hoje, torna-se oportuno discutir, neste caso, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, a mobilidade de sentido e a operação estratégica do dizer no discurso *fashion*, atentando para o trabalho de promoção do *vestir-se bem* como espaço de afirmação de si, de efetividade de modos e processos de subjetivação e, sobretudo, evidenciando o espaço da moda como lugar discursivo que oportuniza efeitos de parresia e de governo.

A proposta¹ é a de problematizar a organização e a disposição dos regimes de verdade que circulam na sociedade, mobilizando um enquadramento de sujeitos sociais em um processo de positivação de suas existências, com vistas ao cuidado de si, ao bem-estar, à aceitação social e, não menos importante, aos efeitos de felicidade provocados por tais comportamentos. Nesta perspectiva, e tomando como ponto nodal a produção discursiva mobilizada no *Esquadrão da Moda*², programa exibido na TV aberta brasileira, tem-se a recorrência a um saber institucionalizado e legitimamente autorizado do mundo *fashion*, cujo movimento converge para o modo como as dizibilidades sobre o *vestir-se bem* são conduzidas a partir do efeito de paradoxo entre um antes e um depois daqueles sujeitos submetidos ao respectivo programa.

Nesse trajeto, importa tratar a moda e seus ditames de tendências e padrões como um dispositivo de poder constituído de discursos que, por sua vez, atrelam e implicam os sujeitos em determinada ordem de condução de si, no escopo das escolhas do vestuário, inscrevendo-os em processos de subjetivação. Disso tem-se a retomada de que os discursos, condicionados e inscritos na/pela histó-

1. Este trabalho é fruto de uma discussão apresentada e submetida à publicação nos anais do IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso, realizado de 23 a 25 de agosto de 2017, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/FALA/PPCL/GEDUERN. Em função da orientação de graduando, tal produção se efetivou em nível de iniciação científica, mas ligada à proposta maior em pesquisa de pós-doutoramento do orientador.

2. Programa transmitido pelo canal de televisão SBT, sob a direção de Johnny Martins. O programa estreou em 03 de março de 2009 e é exibido aos sábados, no horário nobre noturno. O programa conta com a apresentação da consultora de moda Isabella Fiorentino e o *stylist* Arlindo Grund, que têm, na proposta do programa, a missão de ensinar às pessoas as regras do vestir-se bem e com estilo.

ria, não são neutros. Suas condições de produção bitolam, balizam e determinam o surgimento de certos enunciados – e não outros em seu lugar – e os inscrevem em determinadas formações discursivas.

De acordo com Paixão (2017, p. 11), a moda é um dispositivo discursivo a partir do qual “se constroem indivíduos dóceis e úteis para as sociedades pautadas na produção e no consumo, ou ainda, um dispositivo que controla a população ao produzir a ilusão de que leva ao bem-estar e à felicidade”. Dessa forma, pode-se estabelecer um elo entre as relações de saber-poder que irradiam do mundo da moda e o seu papel enquanto dispositivo que mobiliza o *eu* com vistas ao cuidado de si, uma vez que os dispositivos se atrelam diretamente a tarefa de fomentar e alicerçar um processo de subjetivação, isto é, eles devem produzir o seu sujeito.

Nesta direção, retomamos as contribuições foucaultianas na *Microfísica do Poder* ao tratarmos do dispositivo. Segundo o autor,

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 2007, p. 246).

Nesse sentido, os ditames da moda, pautados em regimes de verdade e saberes institucionalizados, moldam sujeitos inscritos em processos de subjetivação e os condicionam a agir de determinadas maneiras em sociedade, potencializando operações e táticas em torno da verdade – efeitos e vontades de verdade – bem como inscrevendo sua subjetividade na esteira da normatização e do governmentamento. Segundo Fernandes (2012, p. 61), “o saber transforma os corpos em objetos de saber e produz mecanismos para promover-lhes a sujeição”.

Além disso, no trajeto de transformação do eu pela relação antes x depois, é possível entender as condições de produção não de qualquer discurso, não de uma discursividade genérica ou generalizante, mas daquelas ligadas ao discurso verdadeiro e ao jogo estratégico do falar francamente, os quais, por sua vez, denunciam marcas de parresia no discurso da moda. Assim sendo, ao se prestarem à avaliação e deferimento dos consultores encarregados – Isabella Fiorentino e Arlindo Grund – os participantes são trazidos à visibilidade na cobertura de um agora que será, mais tarde, o antes de um sujeito, sendo ele marcado por uma forma de vestir-se e de portar-se que lhe rendem, dentre outros, insucesso profissional, desprestígio social e infelicidade pessoal.



Figura 1 - Esquadrão da Moda
Fonte: www.sbt.com.br/esquadraodamoda



Figura 2 - Falta de Cuidado
Fonte: www.sbt.com.br/esquadraodamoda

Figura 3 - Fique por dentro
Fonte: www.sbt.com.br/esquadraodamoda

No programa, a assertiva é a de que o vestir-se bem representa a garantia de uma vida social plena, feliz e promissora, já que, no plano dos efeitos dela decorrentes, a escolha acertada do que vestir, e de como portar-se a partir disso, abre as portas do mercado de trabalho ao mesmo tempo em que promove o fortalecimento dos laços sociais e oportuniza ao sujeito estabelecer uma relação de positividade em relação a si mesmo. Conforme se observa nas figuras acima, esse trajeto de leitura pode ser levantado ao se considerar as dizibilidades mobilizadas nas falas não só dos referidos apresentadores, mas, também, a partir dos depoimentos colhidos de familiares, amigos e colegas de trabalho dos participantes.

Tais sujeitos são envolvidos na tarefa de falar sobre, isto é, de descrever o estilo e o comportamento das pessoas-alvo do programa no que diz respeito à forma como se vestem, como se portam e a compreensão que se tem disso dentro da família, do trabalho e do convívio social. Essas estratégias de visibilidade e de evidência

mediática são, nos episódios do referido programa, objetos garantidores da ampliação da extensão temporal do antes do personagem, de forma a comprovar a situação de risco, de inadequação e impropriedade das roupas e do comportamento de tais sujeitos no que diz respeito à saúde e à continuidade de suas relações para com o outro.

Importante salientar, ainda, que essa questão da escolha acertada do vestuário é, no *Esquadrão da Moda*, apresentada, tratada e explorada, exponencialmente sob o efeito de liberdade e de franqueza que se tem de dizer o que é adequado vestir e o que não é, e isso com atenção às mais diferentes situações do dia-a-dia do participante. Ocupando as posições-sujeito de apresentadores e de consultores e ao mobilizarem saberes institucionalmente legítimos e autorizados, Isabella Fiorentino e Arlindo Grund não só avaliam ou classificam o sujeito cotidiano, mas, principalmente o inscrevem no trajeto de falar sobre, isto é, trazem-no e submetem-no ao crivo do discurso verdadeiro e do franco-falar, associando seus fracassos – pessoais, profissionais, conjugais, sociais, éticos e até morais às suas roupas e à forma de vestir-se.

Os sujeitos recebem o *feedback* dos consultores a partir de uma franqueza do falar. Não há ornamento no que se diz, mas afirmações diretas sobre o que serve e o que não serve, sobre o que deve ser descartado e o que pode, muito eventualmente, ser mantido. É essa coragem de verdade do sujeito de dizer tudo, o trabalho de despir a verdade para vestir-se bem, que sinaliza para as marcas de parresia no discurso da moda.

Verdade e franco-falar na promoção do vestir-se bem: sobre os efeitos de parresia

As condições de produção que constituem e determinam o surgimento dos discursos estão enredadas às relações de forças que circulam em todas as esferas sociais. Nesse sentido, podemos precisar as contribuições de Michel Pêcheux no que tange à relação que liga as significações de um dizer às suas condições de possibilidade, isto é, de efetividade do sentido e de seus efeitos. Segundo o autor, tal relação não é absolutamente secundária, mas matéria constitutiva e determinante das próprias significações (PÊCHEUX, 2011).

Assim, é importante atentar para o fato de que os discursos significam de modo diferente, dependendo de sua inscrição institucional, de sua ligação ao poder e dos dispositivos disseminadores de dizibilidades a que estão atrelados. Em outras palavras, pode-se afirmar que os discursos buscam efeitos de credibilidade, de eficiência, de aplicação, de positividade, haja vista serem objeto de desejo e de vinculação ao poder. O discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2006, p. 10).

No cerne da discursividade da moda, as condições de possibilidade do dizer denunciam não a vacância de estratégias que ignoram a performatividade de um sujeito, mas, principalmente, implicam o esforço de uma pedagogia que busca racionalizar comportamentos e visões de mundo, sob o crivo de escolhas adequadas do que se tem para vestir. É, portanto, no trajeto do vestir-se bem e adequadamente que se retoma um discurso de veridicção, isto é, um discurso

de verdade, alicerçado em parâmetros de verdade – daquilo que se apresenta como certo, crível e defensável – e segundo uma política da verdade, uma vez que, nas palavras de Foucault (2007, p. 12):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o emprego de dizer o que funciona como verdadeiro.

Tais condições de possibilidade trazem à tona, ainda, a efetividade de uma franqueza de se dizer tudo, uma verdade despida de ornamento, oferecida sob o signo de uma revelação – do que pode e deve ser usado, em detrimento de quais escolhas e comportamentos. Ao se observar o efeito de regularidade do dizer no programa, pode-se afirmar que os referidos apresentadores chocam seus convidados com as afirmações abruptas sobre seus estilos de vestimentas e escolhas de roupas, o que evidencia o efeito de negatificação de um antes e potencializa a concepção da diferença e da transformação em um depois. São essas afirmações capitais que também alimentam as chamadas *spots* e vinhetas de abertura e divulgação de cada episódio, conforme se observa a seguir:

Esquadrão da Moda transforma participante piriguete ao extremo. (Esquadrão da Moda – 30 de março de 2017)

Bióloga metida a roqueira é salva pelo Esquadrão da Moda neste sábado. (Esquadrão da Moda – 11 de maio de 2017)

Corretora de móveis sem estilo será transformada pelo Esquadrão da Moda deste sábado. (Esquadrão da Moda – 06 de julho de 2017)

Madrinha de casamento cafona é abordada do Esquadrão da Moda neste sábado. (Esquadrão da Moda – 24 de julho de 2017)

Moça viciada em Mickey Mouse é salva pelo Esquadrão da Moda deste sábado. (Esquadrão da Moda – 24 de julho de 2017)

Cabeleireira sem noção para se vestir é a participante do Esquadrão deste sábado. (Esquadrão da Moda – 10 agosto de 2017)

É essa uma das estratégias que ligam o discurso do programa *Esquadrão da Moda* à parresia e ao processo de subjetivação dos sujeitos sociais. Em relação à subjetividade, trata-se de observá-la como efeito alcançado nos modos de ser do sujeito, sendo este objeto de verdades historicamente instituídas e discursos ética e politicamente alavancados em práticas de poder-saber. Segundo Foucault (2016, p. 13), “a subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não é relacionada com uma experiência originária ou fundadora, não é relacionada com uma antropologia que tenha um valor universal”. É ela, então, trazida à cena como aquilo que forma e se transforma na relação que ela estabelece com sua própria verdade. Disso tem-se a indissolúvel relação entre subjetividade e verdade.

No que tange à parresia, nos textos *A Hermenêutica do sujeito* (nas aulas de 3 de fevereiro e de 10 de março de 1982), *O governo de si e dos outros* (nas aulas de 19 e 26 de janeiro e de 2 e 9 de fevereiro de 1983) e em *Subjetividade e verdade*, Michel Foucault problematiza tal questão como espectro da ação do governo de si e dos outros, apontando para a paridade entre dizer o que se pensa e pensar o que se diz. A parresia não se apresenta apenas como uma forma de se dizer a verdade, mas como uma estratégia que liga o sujeito ao

perigo de confrontar-se, e dessa forma constituir-se, em relação a si mesmo. Em outras palavras, segundo Foucault (2013, p. 43):

[...] não se pode cuidar de si, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com o outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma que é precisamente a parresia, que mais uma vez é traduzida pela fala franca.

O conceito de parresia oportuniza uma observação exponencial no que diz respeito ao imbricamento entre verdade e constituição dos sujeitos. Embora não cunhado primariamente nos estudos foucaultianos, mas neles problematizado e observado a partir de seus deslocamentos, por exemplo, na política, na filosofia e nos estudos da ética e da moral, a parresia agrega atenção ao cuidado de si e às estratégias de governo. Nessas condições, a inscrição parresiástica do discurso deve ser observada menos do lado da estrutura e finalidade do discurso verdadeiro e mais do lado do risco que o dizer-a-verdade traz para o interlocutor.

Assim, o que se evidencia é a questão do sentido que o dizer-a-verdade abre para o locutor a partir do efeito que a verdade dita e apresentada produz no interlocutor. No trajeto da discursividade da moda, as marcas dessa operação de parresia podem ser vislumbradas no momento em que os sujeitos são levados a expor a intimidade de suas escolhas de vestuários, expondo a intimidade de seus *closets*, sempre sob o olhar atento das câmeras – isto é, o olhar onipresente de um outro – e dos consultores em presença. Suas decisões de vestimentas e seus perfis de moda são, portanto, avaliados

e submetidos ao crivo legítimo e autorizado da moda que, no trajeto do franco-falar, do tudo-dizer e da liberdade de dizer tudo, retoma discursos outros, mobiliza redes de memória, prescreve efeitos de controle e oferece a uma verdade tecida histórica e discursivamente.

Nessa conjuntura, e dadas as características da sociedade contemporânea, a mídia vem, portanto, ocupar espaço preponderante, sobretudo no tocante à vida social e, mais especificamente, à questão do portar-se e vestir-se bem. Trata-se de entender que, no escopo da moda, a instituição midiática provoca efeitos de sentidos os mais diversos, apontando para a efetividade dos processos de subjetivação dos sujeitos, inscrevendo-os em um cenário ao mesmo tempo de reprovação e redefinição, de aceitação e de transformação. De acordo com Martins (2014, p. 80):

Os discursos e manifestações acerca da Moda foram alavancados de maneira surpreendente a partir da consolidação da era da informação e da comunicação, pois se tornaram bastante acessíveis e foram entendidos também como um caminho para se apreender e estudar os elementos valorativos que portam traços subjetivos e objetivos que constituem a natureza humana; a relação do sujeito para consigo mesmo e para com o “outro”, no âmbito das relações intersubjetivas; e o próprio contexto social, político, econômico que a engloba.

Trazidos à visibilidade, os participantes do programa *Esquadrão da Moda* expõem e têm suas intimidades expostas, discutidas, suas escolhas de roupa ocupando espaço de avaliação e de classificação entre um certo e um errado, suas vidas sociais, profissionais e pessoais julgadas e ranqueadas segundo critérios de aceitação, sucesso, felicidade

e plenitude. E tudo isso segundo estratégias ligadas, por sua vez, aos eixos da formação dos saberes, da normatividade dos comportamentos e da constituição dos modos de ser do sujeito (FOUCAULT, 2013).

Nessas condições, pode-se refletir a íntima e produtiva relação entre moda e mídia, uma vez que, por meio de seu potencial de disseminação na sociedade, de propagação de verdades – jogos de verdade – tais instâncias conseguem, em uma relação mútua, atingir diretamente os sujeitos inscritos no bojo da vida cotidiana, mobilizando-os com vistas ao cuidado de si. Os jogos de verdade, por sua vez, dizem respeito a um conjunto de regras e mecanismos de produção da verdade e de mudanças das regras que circunscrevem, produzem e determinam o alcance de tal verdade. São denominados de jogos de verdade, por representarem um conjunto de procedimentos a partir dos quais e pelos quais a verdade é instaurada, instituída e desinstituída pelos sujeitos por meio de suas práticas (FOUCAULT, 2016).

À medida em que mostra, a mídia orienta, disciplina e induz o sujeito a assumir certas posições e a agir sob determinados regimes de verdade, em busca de um padrão estético de beleza socialmente construído e discursivizado. Os sujeitos buscam ou são levados a ocupar determinados lugares, a portos que lhes asseguram suas existências no seio da vida social, uma vez que “se o poder existe sob a forma de relações, um exercício de forças entre os sujeitos, a verdade, que não existe fora do poder, será exercida, por meio dos discursos, entre os sujeitos” (FERNANDES, 2012, p. 70).

A operação midiática se apresenta, então, como um operador de discursividade e de subjetivação, pois oportuniza a materialização e a proficuidade de relações de poder e de saber que agem na égide da afirmação de si e no espaço da constituição de lugares discursivos e

de posições-sujeito determinadas. No tocante aos padrões do vestir-se bem, o sujeito é sempre conduzido, inscrito em redes de discursividade que o convocam a um depois – símbolo de beleza e de transformação – e a um antes – atrelado aos efeitos de inadequação e caricatura. E nessa operação, subjetividade, verdade e parresia convergem para a constituição e afirmação dos sujeitos em relação a si mesmos.

O sujeito sob a vigilância do esquadrão da moda

Oportunizar uma leitura discursiva acerca da moda, no escopo do controle, da subjetividade, da constituição da verdade e da parresia, implica considerar as operações de controle não só do dizer e de seus efeitos, no plano do que pode e deve – e segundo que maneira deve – ser dito, mas atentar, sobremaneira, para o gerenciamento de si na perspectiva de um governo da e sobre a vida de si e dos outros. Nesta perspectiva, e com especial atenção ao objeto em discussão, traz-se aqui a máxima de que o sujeito é discursivizado e mantido sob a vigilância panóptica³ da moda e da ordem discursiva por ela imposta.

Segundo Marcello (2009, p. 234 *apud* SANTOS, 2015, p. 60), as operações de agenciamento, interdição, segregação e produção do dizer e do sentido, sendo elas constitutivas da força motora que fomenta, possibilita e materializa um policiamento ostensivo do discurso e da verdade, sinalizam para os efeitos de visibilidade e de hipervisibilidade dos produtos da mídia, já que:

3. Numa referência à discussão trazida por Michel Foucault em *Discipline and Punish, Panopticism*. Cf. *Discipline & Punish: The Birth of the Prison*, edited by Alan Sheridan, 195-228. New York: Vintage Books, 1977.

O grau de visibilidade que um sujeito adquire perante o acontecimento é um efeito, uma marca de práticas discursivas imbuídas na operacionalização de táticas de poder e de estratégias de saber. Desse modo, a insistência indiscreta do poder obriga o sujeito a desapropriar-se de si, mas constituindo para si mesmo uma subjetividade e uma objetividade.

Estas práticas se encontram explicitadas, por exemplo, na própria tessitura do jogo discursivo-ideológico do *reality-show* que instaura o efeito de deslocamento de um antes para um depois. Nesse trajeto de movimento, o programa sistematiza estratégias discursivas que operam na evidência do corpo e do dizer de forma a produzir efeitos de uma transformação genérica do sujeito – não só no vestuário, mas, sobretudo, na sua personalidade – ainda que seu propósito seja adestrar o sujeito no bojo de uma pedagogia do vestir-se bem e promover a felicidade do outro no espaço do governo e da disciplina, conforme pode-se observar nas figuras a seguir:



Figura 4 – Antes x Depois1



Figura 5 – Antes x Depois 2



Figura 6 – Antes x Depois 3



Ao depois, resta a promessa da autoestima recuperada e da tão almejada aprovação social no seio da vida cotidiana, por parte dos amigos, familiares e colegas de trabalho. Nesse sentido, é que o discurso da moda funciona: como um dispositivo social e discursivamente determinado que conduz os sujeitos à subjetivação, com base em padrões estéticos historicamente construídos, discursivizados a partir de um determinado regime de veridicção, de verdade. É importante salientar, ainda, que ao se observar a constitutividade dos dizeres e a forma como esses são conduzidos no *Esquadrão da Moda*, depara-se com circunscrição parresíastica do falar sobre a moda.

Trata-se da materialização de um discurso que se pretende verdadeiro, de uma verdade mobilizada na franqueza e na liberdade de se dizer tudo o que deve ser dito e de maneira não ornamental, desligada dos recursos da retórica e mantida distante da lisonja. É a operação em torno da parresia como instrumento de condução

da verdade, a qual, ao ser oportunizada na discursividade da moda, engendra um processo de retomada de dizeres, de sentidos e de memórias atreladas à subjetivação dos sujeitos de hoje.

Nessa conjuntura, pode-se afirmar que a sociedade pós-moderna intensifica a aplicação discursiva dos regimes de verdade com base no jogo da dualidade: certo e errado, positivo e negativo, adequado e inadequado, bonito e feio. São estratégias de poder-saber operadas no plano das práticas e do sentido e “grande parte desse adestramento ou dessa pedagogização, no sentido de determinar uma forma ideal de comportamento, encontra respaldo nos diferentes meios midiáticos e por meio deles se cristalizam” (PAIXÃO, 2013, p. 32).

A veiculação desses discursos, para além do poder de legitimação dos saberes institucionalizados, encontra na mídia uma potencialização de seus efeitos de sentido e de propagação social. Esta proposta permite, portanto, conceber que a verdade é materializada nos discursos e que está em circulação em todas as esferas sociais, promovendo ações de subjetivação e objetivação de sujeitos. Permite, ainda, a problematização acerca da parresia como obrigação e possibilidade de se trazer a verdade sempre ligada ao modo de ser do sujeito e sua constitutiva dependência da relação de si para consigo e de si para com os outros (FOUCAULT, 2013).

No exercício de leitura discursiva e considerando, portanto, a proficuidade do sentido, pode-se afirmar, a partir das figuras acima, o efeito de polarização e movência – de subjetividade, de cuidado de si, de afirmação de si – de um antes para um depois. De um lado, temos a realidade do antes, com duração temporal alargada⁴, sempre maior, passível de julgamentos, críticas, juízos de valor, apon-

4. Percebida na apresentação dos episódios em tela.

tamentos de certo e errado, positivo e negativo. De outro, tem-se a realidade de um depois, oferecida como produto, transmitida numa extensão temporal sempre inferior ao antes, redirecionada, repaginada e, portanto, discursivamente positivada.

Ademais, o antes é sempre mostrado no cotidiano do sujeito, são imagens gravadas e trazidas no espaço da intimidade do participante – sua casa, seu trabalho, seu ciclo de amizades – além de assegurado por comentários e depoimentos de pessoas próximas que comprovam e denunciam os estilos e escolhas que devem ser objeto de avaliação e conseqüente transformação no programa. O depois, por sua vez, é explorado, na sua maior parte, no cenário interno do programa ou, quando muito, no interior de lojas, previamente selecionadas e organizadas para propiciar o posicionamento de câmeras especiais que vão captar imagens do participante de vários e diferentes ângulos, mas nunca de qualquer um.

Considerações finais

A produção de discursos e sujeitos, ambos inscritos na história e em uma relação descontínua de imbricamento, é sempre condicionada por fatores externos. Tendo em vista os regimes de verdade socialmente construídos e propagados e as ordens de saber e poder, os sujeitos sociais são perpassados e constituídos a partir de padrões e critérios de valoração de suas condutas e comportamentos. Os saberes e poderes constituem uma malha minuciosamente articulada, que incide diretamente sobre a vida de sujeitos cotidianos em todas as esferas sociais, moldando-lhes seu modo de ser, instituindo o que deve ser acatado como verdadeiro, condicionando-os à ação disciplinadora.

Retoma-se, então, a máxima de que os discursos que circulam na sociedade não são neutros. São eles determinados por questões que estão para além da tessitura linguística, ligados à historicidade de práticas e regimes de veridicção e, sobretudo, oportunizados em condições seletivas de emergência.

É segundo essa incursão de leitura discursiva que se volta para a estruturação e acontecimento do programa Esquadrão da Moda. A leitura do objeto traz à tona a efetividade de regimes de poder e verdade que, a partir de condições de produção determinadas, dão margem ao surgimento de espaços de subjetivação. A partir de tal operação, os sujeitos são confrontados consigo mesmos no bojo da vida cotidiana, sendo levados a assumir determinadas posições – e não outras em seu lugar – sempre com vistas ao cuidado de si e aos efeitos de felicidade conquistados quando da positivação de si, pela moda.

Referências

FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Interméios, 2012.

FOUCAULT, M. Discipline and Punish, Panopticism. In: SHERIDAN, A. (Org.). *Discipline & Punish: The Birth of the Prison*. New York: Vintage Books, 1997. Disponível em: <www.foucault.info/doc/documents/disciplineandpunish>. Acesso em: 17 jun. 2017.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. Tradução de Márcio A. Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Subjetividade e verdade*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

MARTINS, M. M. Corpo masculino na publicidade: casos de persuasão. *Revista Dobra[s]*. v. 7, n. 16. 2014.

PAIXÃO, H. *Saber, poder e sujeito no dispositivo da moda*. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. *Resistência e poder no dispositivo da moda*. 2017. 258f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

PECHEUX, M. Língua, Linguagem e Discurso. In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (Orgs.) *Legados de Michel Pêcheux*: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, A. G. P. *Poder, discurso e mídia*: a espetacularização de imagens no acontecimento da política norte-americana. 2015. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.